

DE CABRITOS E PORQUITOS A CORPITCHOS E LOOKITCHOS: análise construcional das formações $[[X]_{Ni} \textit{ito}]_{Nj}$ e $[[X]_{Ni} \textit{itcho}]_{Nj}$ no português do Brasil

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ/CNPq)

Introdução

Abordagens contemporâneas da Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU) vêm procurando expandir o polo fonológico ao incorporar recursos indexicais e expressivos, como o alongamento vocálico ('gosto muuuuito') e o apagamento intencional de sons ('vei(o)' < 'velho'), superando a visão clássica que restringia a forma a palavras e a expressões de tamanho variado. Santos e Hoffmann (2024), por exemplo, argumentam que integrar a fonologia é essencial, validando o estudo da africativização intencional sob um viés construcionista, focado em indexicalidade social e pragmática, com empreenderam Gonçalves e Alves (no prelo).

Ungerer e Hartmann (2023) também destacam a necessidade de integrar, nas redes construcionais, elementos de indexicalidade social e expressividade, que devem deixar de ser periféricos e constar, de vez, do núcleo de conhecimento linguístico armazenado pelos usuários de uma língua. Gonçalves e Alves (no prelo) modelam o fenômeno da africativização unindo a Gramática das Construções Baseada no Uso (Goldberg, 2006) e a Teoria da Relevância (Carston, 2002). Demonstram de que maneira $[\widehat{tj}]$ modifica a interpretação social e pragmática do enunciado, inserindo-se esquemas abstratos que se ramificam em herança lexical ('tchurma'), eufemismo ('tcheca') e inovação linguística ('tchola'). Comprovam que a fonologia é moldada pelo uso para modular o ambiente social em tempo real.

Dando continuidade ao estudo da africativização intencional, analisamos, neste texto, a criação de um neossufixo com o uso da africada surda, $[\widehat{tj}]$, também a serviço de valores pragmáticos os mais diversos: *-itcho*. Discutimos os usos inovadores e tentamos mostrar que houve construcionalização, uma que vez que *-itcho* acaba se diferenciando, em muito, da forma que o originou: *-ito*. Defendemos, também, que $[[X]_{Ni} \textit{ito}]_{Nj}$ e $[[X]_{Ni} \textit{itcho}]_{Nj}$ constituem aloconstruções (Capelle, 2006) nos dias de hoje.

O texto é dividido como se segue: em primeiro lugar, abordamos o sufixo *-ito*, refletindo sobre sua possível improdutividade na veiculação da semântica original de diminutivo. A seguir, analisamos o rival *-itcho*, avaliando seus impactos pragmáticos.

Para tanto, adotamos a morfologia construcional (Booij, 2010). Optamos por não separar teoria e análise, uma vez que diversas noções aqui abordadas foram devidamente apresentadas na Introdução da obra. Nossos dados provêm de várias fontes: (a) dicionários tradicionais (Houaiss et al., 2001), (b) dicionários em formato *wiki* (Dicio, Dicionário Informal), (c) redes sociais (especialmente o *Instagram* e o *TikTok*) e (d) ferramentas de busca, como o *Google*. Obtivemos, com essas pesquisas, 213 dados: 140 de $[[X]_{Ni} \text{ito}]_{Nj}$ e 73 de $[[X]_{Ni} \text{itcho}]_{Nj}$ e é com base nesse *corpus* que nossa análise se sustenta.

As formações $[[X]_{Ni} \text{ito}]_{Nj}$

O sufixo *-ito* (e sua variante feminina *-ita*) ocupa espaço peculiar na morfologia do português brasileiro. Embora o sufixo diminutivo prototípico na língua seja *-inho* (Soares da Silva, 2006), *-ito* coexiste, recebendo tratamentos distintos, a depender do referencial teórico. Os gramáticos tradicionais abordam *-ito* sob uma perspectiva majoritariamente classificatória e histórica. É catalogado estritamente como sufixo derivacional nominal diminutivo (Rocha Lima, 1975). A tradição aponta, ainda, que, diferentemente de *-inho* (que se desenvolveu organicamente do latim *-inus* no português), *-ito* possui forte influência do espanhol (sufixo *-ito/-ita*) e do italiano (Bechara, 2009). Em muitos casos, entrou na língua por via literária ou por aportuguesamento de termos (‘cabrito’, ‘Chiquito’, ‘Carlito’), como destacam Cunha e Cintra (1985).

Pelas descrições dos gramáticos, trata-se de um sufixo de baixa produtividade no português, ou seja, os próprios manuais reconhecem a existência de palavras já cristalizadas no léxico (‘mosquito’, ‘granito’), mas não mencionam a criação livre de novos diminutivos com essa terminação. No nosso entendimento, a falta de coerência semântica é o principal motivador da improdutividade de *-ito* para expressar diminuição. Nos dados em (01), é difícil estabelecer um pareamento forma $\Leftrightarrow$ significado que unifique essas instâncias.

- (01) cabrito: filhote da cabra.
finito: que tem fim, limitado.
saquito: saco pequeno.
granito: pedra dura usada em construções.
mosquito: inseto pequeno que voa.
negrito: letra mais grossa e escura.
palito: pedaço fino de madeira para dentes ou fósforo.
palmito: parte de dentro do caule de palmeiras que serve de comida.

saltito: um pequeno salto ou pulo dado de leve.

Na maioria dos dados em (01), houve lexicalização: ao longo do tempo, o sufixo perdeu o valor de diminutivo e adquiriu significados diversos, muitos hoje idiossincráticos, sendo alguns itens lexicais indicadores de terminologia científica, como ‘sulfito’ (química) e ‘granito’ (geologia). A análise dessa lista de palavras pela Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), sobretudo no modelo de Morfologia Construcional (MC) de Booij (2010), investiga como o usuário da língua reconhece e armazena padrões linguísticos a partir da frequência de uso. Desse modo, a realidade linguística é dividida em diferentes níveis de herança e produtividade. Em algumas instancias, um esquema mais geral funciona de forma ativa na língua, pois existe relação de composicionalidade: o significado da palavra-base é preservado e modificado pelo padrão de diminutivo/atenuação. Por exemplo, ‘cabrito’ é reconhecido através do elo semântico com a base ‘cabra’, funcionando como um diminutivo biológico (o filhote). O mesmo acontece com ‘saltito’, que referencia um salto de pequena intensidade (diminutivo da ação).

Para outras palavras, a terminação *-ito* faz parte da estrutura, mas não atua como sufixo diminutivo no uso contemporâneo. Pela MC, essas palavras são armazenadas como construções inteiras no *constructicon*, pois perderam o elo ou não possuem uma base transparente no português atual. Tal é o caso de ‘finito’ (oriundo do latim *fin+itus*). O usuário da língua associa ao conceito de limite, mas não processa *-ito* como diminutivo de ‘fim’; ‘finito’ é uma construção autônoma. ‘Mosquito’ também é historicamente derivado de ‘mosca’. Embora a biologia e a etimologia mostrem que o mosquito é estruturalmente parecido com uma mosca pequena, no uso diário ‘mosquito’ ganhou autonomia semântica e funcional (um inseto específico que pica/voa), tornando-se um nó independente na rede de construções. Com ‘palito’, ocorre o mesmo: etimologia ligada a ‘pau’. O segmento *-ito* se fundiu completamente à raiz, pois o usuário da língua interpreta a palavra como um bloco rígido e indivisível para o objeto feito de madeira.

Quando uma palavra é usada massivamente no cotidiano, sofre o efeito de enrijecimento (Bybee, 2010). A cognição humana passa a acessá-la como um bloco único e pré-fabricado. Por exemplo, ‘mosquito’ e ‘palito’ possuem altíssima frequência de *token* de forma independente. Como consequência disso, ficam blindados contra mudanças e se tornam autônomos. Um usuário da língua não pensa em “mosca pequena” ao

falar/ouvir/ler/escrever ‘mosquito’. O uso repetido cortou o cordão umbilical com a palavra-base original e essas formas ganham nós próprios e isolados na rede.

A frequência de tipo mede a força de um padrão. Quanto mais palavras o usuário conhece que terminam em *-ito* com sentido de diminutivo/expressividade, mais forte e produtivo esse esquema se torna. ‘Cabrito’, ‘saquito’ e ‘saltito’, por exemplo, acabam engajando-se na frequência de tipo do esquema diminutivo/avaliativo, reativado nos anos 1990, como veremos na sequência. Embora o usuário não empregue ‘saltito’ toda hora, uma vez que essa formação tem baixa frequência de *token*, reconhece a palavra instantaneamente porque o padrão *-ito* foi reativado na língua. Resumindo, a repetição transforma a gramática: o que se repete muito como palavra única se transforma em bloco isolado (‘mosquito’); o que se repete muito como padrão mantém as palavras unidas por semelhança (‘cabrito’).

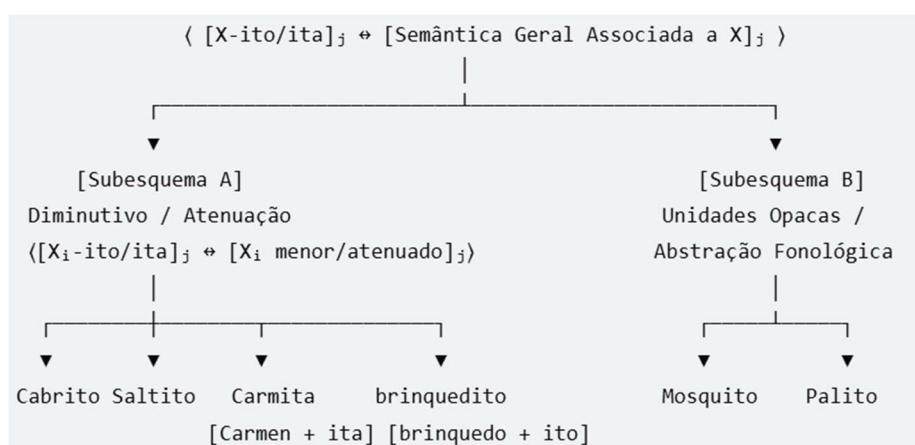
Na GCBU, a mente humana é uma grande buscadora de padrões. Quando um usuário encontra uma palavra antiga, rara ou de estrutura opaca (como ‘palito’ ou ‘finito’), seu cérebro tenta integrá-la à rede de construções existentes. Se a história real da palavra (etimologia) desapareceu do uso cotidiano, o usuário da língua pode fazer uma reanálise, criando uma conexão nova — e logicamente plausível —, baseando-se nas palavras que já usa. É o que chamamos popularmente de etimologia popular (Bauer, 1998). Para entender o poder da reanálise, vejamos como se aplicaria a uma palavra como ‘meteorito’. Se um usuário de hoje tentar reanalisá-la como ‘meteoro’ + *-ito*, de fato pode associá-la ao padrão, pois quando a comunidade científica finalmente comprovou a queda de rochas espaciais por volta dos anos 1800, surgiu a necessidade de criar um nome para diferenciar o rastro de luz no céu do pedaço de pedra que de fato caía no chão, o levou à criação da palavra ‘meteorito’, cuja vinculação com ‘meteoro’ é plausível e etimologicamente comprovada.

Com relação a ‘negrito’, por exemplo, a reanálise cria uma espécie de “curto-circuito cognitivo”, porque essa palavra hoje não corresponde à soma das partes; nomeia um estilo de formatação de texto em que os caracteres possuem traços mais grossos e escuros que o normal, usado para dar destaque a palavras, títulos ou conceitos importantes. A reanálise aqui falha porque a distância de significado (semântica) entre as duas construções é muito grande. O uso prefere manter ‘negrito’ isolado.

A língua não é um arquivo morto de fatos históricos; é o resultado vivo do que os usuários processam no atual estágio sincrônico. Se uma palavra perde sua base no uso, a

mente reconecta os fios por semelhança sonora ou de significado. A gramática, portanto, está nas conexões que a cognição cria para juntar ou separar instâncias de uso. Na abordagem de Booij (2010), a criação de neologismos é o teste definitivo para comprovar a existência e a força de um esquema mental. Quando usuários criam termos, como ‘Carmita’ (afeto e proximidade com uma pessoa chamada Carmen) ou ‘brinquedito’ (brinquedo numa situação de diálogo afetuoso), estão ativando a rede em tempo real por meio de um processo chamado extensão analógica, como se vê na formalização a seguir:

Figura 1 – Relações de herança das formas terminadas em *-ito*



Fonte: elaboração própria.

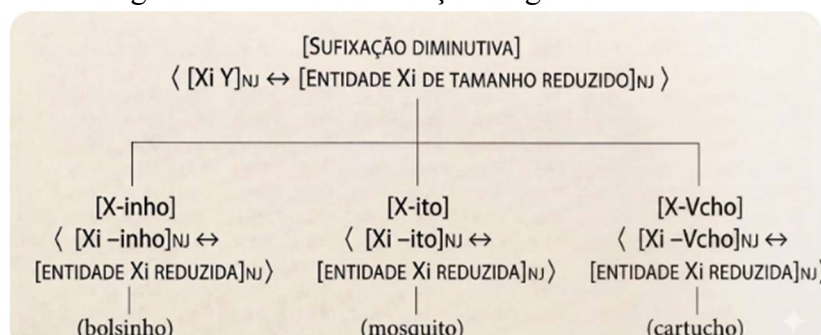
Nesse diagrama, os níveis superiores contêm as informações mais abstratas e os níveis inferiores herdam essas propriedades, especificando-as. Seguindo rigorosamente a notação de Booij, os parênteses angulares $\langle \rangle$ delimitam a construção, a seta de mão dupla $\Leftrightarrow$ une o polo da forma (à esquerda) ao polo do significado (à direita) e os subscritos i e j sinalizam que as formas fazem parte do *constructicon*. No nó intermediário, há duas herança: no subesquema A, há herança semântica e formal direta, pois as instâncias reais (nós mais baixos) herdam tanto a categoria gramatical quanto o modificador de tamanho/expressividade da base. No subesquema B, ocorre herança de base com especialização, pois há conexão com a palavra-base, mas o significado final estabilizou-se em um novo objeto ou conceito no *constructicon* (não é apenas “algo menor/expressivo”).

Santana (2017) realizou grande pesquisa sobre os diminutivos e mostrou que usos mais afetivos de *-ito* são muito frequentes no Português Europeu e em dialetos do Sul do Brasil. Rio-Torto (1998) já defendia essa hipótese, ao afirmar que, nessas áreas, no lugar

de *-inho*, utiliza-se *-ito*, como em ‘rapazito’ e ‘casita’, para expressar conteúdos mais expressivos.

Na perspectiva da GCBU, o sufixo não serve apenas para indicar “tamanho pequeno” (dimensão física); também funciona como instrução pragmática, pois o falante aciona o esquema $[[X]_{N_i} \text{ ito}]_{N_j}$ para veicular afetividade, atenuação, ironia ou proximidade, exatamente como faz o rival *-inho*. O esquema a seguir representa a organização cognitiva e hierárquica do conhecimento morfológico do falante sobre os diminutivos, ainda de acordo com o modelo de Booij (2010).

Figura 2 – Rede de sufixação de grau diminutivo



Fonte: elaboração própria.

O diagrama se divide em três níveis fundamentais de abstração que funcionam por um mecanismo de redes de herança. No topo encontra-se o nó [SUFIXAÇÃO DIMINUTIVA], o qual não possui forma fonológica fixa (representada pela variável genérica Y, que equivale a um sufixo). Sua função é armazenar a informação mais genérica possível (uma base substantiva $[X_{N_i}]$ que recebe um sufixo e cria um nome com o significado denotativo mais abstrato de todos): o conceito puramente físico de [ENTIDADE DE TAMANHO REDUZIDO]. A linha horizontal estende o macroesquema para três ramificações distintas, cada qual funcionando como um molde mais específico (um subesquema):

[X-inho]: É o padrão canônico, mais produtivo e estavelmente armazenado no português do Brasil.

[X-ito]: É o padrão concorrente, associado, no Brasil, a fatores dialetais (como a região Sul) ou a empréstimos históricos.

[X-Vcho]: É o padrão fonologicamente marcado pela fricativa palatoalveolar, [ʃ], que acomoda o potencial de a sílaba inicial ser precedida por diferentes vogais (V): [a] (‘riacho’), [i] (‘barbicha’), [u] (‘capucho’).

Todos os três subesquemas herdam automaticamente a sintaxe e a semântica de tamanho reduzido do nó superior, mas cada um deles especifica a substância fonológica real de seu respectivo sufixo, substituindo a variável abstrata Y por *-inho*, *-ito* ou *-Vcho*. Na base do diagrama, estão as palavras reais armazenadas no *constructicon*, que estão posicionadas exatamente abaixo de seus respectivos moldes estruturais. Em vez de variáveis, elas preenchem os polos fonológico e morfossintático com bases lexicais fixas e reais ('bolsa', 'mosca' e 'carta'), comprovando que armazenamos nós interconectados nos quais palavras reais herdam o significado físico de tamanho reduzido de toda a cadeia superior da rede.

As formações $[[X]_{N_i} itcho]_{N_j}$

Gonçalves (2005) já havia atentado para formações recentes, como 'corpíto' e 'cabelíto', muito usadas, à época, sobretudo por meninas adolescentes, o que sugeria a existência de função indexical em tais formações. A função indexical é a motivação pela qual escolhas de formação de palavras indicam marcas sociais, culturais, de identidade de grupos de usuários, revelando aspectos como idade, gênero ou grau de formalidade (perspectiva morfopragmática). Em pesquisa experimental, Souza e Nicolau de Paula (2011) comprovaram a associação de *-itcho* a um público de internet marcadamente do gênero feminino e jovem.

No caso do formativo *-itcho*, há proximidade tanto semântica quanto fonética com o sufixo *-ito*. A proximidade semântica acontece porque ambos atribuem às bases a que se conectam a pragmática de diminutivo, nos termos de Soares da Silva (2006), e a proximidade fonética refere-se à alofonia do fonema /t/, relacionado a dois alofones, [t] e [tʃ], em perfeita distribuição complementar, uma vez que o segundo está restrito ao contexto de [i], como se vê no quadro a seguir:

Quadro 1: Distribuição complementar de oclusivas e africadas	
seguida de [i, j, I]	esperada na maior parte dos dialetos
precedida de [i, j, I]	muito comum em dialetos do Nordeste
no ambiente de outras vogais	não esperada

Fonte: elaboração própria

Inicialmente, podemos observar que a diferença entre os formativos *-ito* e *-itcho* não se dá simplesmente na pronúncia, o que revelaria uma variação dialetal, como é o caso da palavra 'tirano', pronunciada com a oclusiva alveolar desvozeada [t] em várias regiões do Nordeste e como uma africada alveolopalatal desvozeada [tʃ] na maioria dos

falares brasileiros (Abaurre e Pagotto, 2002), embora seja escrita da mesma maneira. Verifica-se, porém, que, no caso de *-itcho*, a realização [tʃ] é marcada tanto na pronúncia quanto na escrita. Portanto, temos ‘fofitcho’, ‘cadeiritcha’ e ‘bonezitcho’ concorrendo com ‘fofito’, ‘cadeirita’ e ‘bonezito’, o que nos leva a crer que há intencionalidade do falante ao distinguir fonética e ortograficamente tais usos.

Nos exemplos mencionados, a africativização serve para marcar proximidade e afetividade. Desse modo, a perspectivização se manifesta na subjetividade do usuário ao expressar carinho ou intimidade para com o interlocutor, utilizando a alteração sonora como recurso para codificar esses novos sentidos, o que se conecta à noção de intersubjetificação de Traugott (2010), na qual sentidos subjetivados são codificados para focar no destinatário por meio da interação verbal (oral ou escrita).

A analogização, entendida, por Bybee (2010), como o processo pelo qual um falante utiliza um novo item em uma construção com base em outros já existentes que servem de modelo, é um motor fundamental nas inovações lexicais com o sufixo *-itcho*. Alguns exemplos são listados em (02), a seguir:

- (02) lookitcho: achei chique... gostaram do **lookitcho**? (bahia, 2026)
cabelitcho: dump do **cabelitcho** novo menina (wagner, 2026)
rostitcho: já tenho o meu point certo para limpar o **rostitcho**! (bahense, 2024)
unhitchas: manutenção nas minhas **unhitchas**... o que acharam? (Alves, 2021)
roupitcha: Mais um dia, mais uma **roupitcha**, gostaru? (Praiana.Sa., 2026)

Formas como as em (02) são usadas ao postar fotos ou vídeos de si mesmo ou de outrem em redes sociais como o *Instagram* e o *TikTok*. O escrevente emprega a representação gráfica da africada palato-alveolar para diminuir o tom de exibicionismo, transformando a exposição do próprio corpo ou estilo em algo apreciativo, leve e, muitas vezes, irônico. Já as formas em (03), a seguir, externalizam grau máximo de intimidade e cumplicidade afetiva. Dizer ‘meu namoraditcho’ evoca um *frame* de carinho infantilizado (*Romantic Baby Talk* ou *lover’s language*) que, acreditamos, o sufixo neutro *-inho* já perdeu por desgaste de uso.

- (03) amiguitcho: **amiguitcho** lindooo, dono do coração mais puro (Salvia, 2020).
namoraditcho: dia de passeio com o meu **namoraditcho** favorito (Silva, 2026)
irmãozitcho: feliz aniversário Gui, te amo **irmãozitcho** (Silva, 2017).
filhitcho: orgulho de vc meu amor. Sempre será meu **filhitcho** (Matos, 2025).
cachorritcho: o **cachorritcho** aqui, ainda está na disputa (Nick, 2026).

Nas formas em (04), a seguir, o escrevente utiliza a grafia do som estilizado, [tʃ], para tornar mais expressivo o consumo daquele alimento em uma atmosfera de prazer, funcionando como um uso hedônico, além de sinalizar um momento de relaxamento, descanso ou celebração íntima:

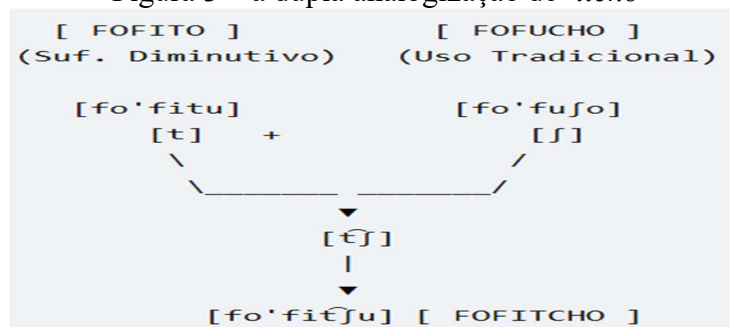
- (04) cafezitcho: A paz de um **cafezitcho** sábado de manhã (Geisiane, 2024).
cervejicha: Marcelitcha com sua **cervejitcha** não quer guerra (Freitas, 2024).
comiditcha: aquela **comiditcha** caseira que a gente ama! (Silva, 2025).
saladitcha: a **saladitcha**, que bacana. A farofa, delícia (O estimado, 2026).
bifitcho: quele **bifitcho** acebolado perfeito (Receitas da Hora, 2025)

Por fim, formas como ‘trabalhitcho’ e ‘empreguitcho’ servem para minorar a rotina ou atenuar o peso das obrigações. Por exemplo, escrever “trabalhitcho de performance” (Curedes, 2023) torna a obrigação diária esteticamente mais palatável. Expliquemos, na sequência, de que maneira a rede de palavras [[X]s *itcho*]s se expandiu.

Ao que tudo indica, a palavra terminada em *-itcho* mais antiga e amplamente disseminada na história da internet e das redes sociais em língua portuguesa é ‘fofitcho’. O fenômeno que deu origem a essa palavra está registrado e catalogado em plataformas de estudos linguísticos e enciclopédias digitais (como o artigo sobre miguxês na Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguxês>)). O miguxês, cujo próprio nome sugere, deriva de ‘amigo’ ⇒ ‘amiguinho’ ⇒ ‘amiguxo’ ⇒ ‘miguxo’ ⇒ ‘miguxês’; foi um socioleto da internet surgido entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000.

Diferente do internetês tradicional (focado puramente em abreviações funcionais como ‘vc’, ‘tb’, ‘pq’), o miguxês tinha uma função afetiva e estética. Sua principal característica era a infantilização das palavras, o que incluía a substituição sistemática do sufixo diminutivo padrão *-inho/a* por sonoridades mais suaves e expressivas, gerando as terminações *-uxo/a* e *-itcho/a*. Desse modo, parece haver uma dupla analogização na criação de *-itcho*: os sufixos *-ucho* e *-ito*, pois o primeiro apresenta uma fricativa álveo-palatal e o segundo tem quase a mesma rima do primeiro, à exceção da falta da palatalização na oclusiva. De acordo com Toni (2020), a palatalização pode ser tomada como efeito expressivo: “carrega significados afetivos ou infantilizadores, típicos da fala dirigida à criança em algumas comunidades e do registro ‘manhês’ (*motherese* ou *baby talk* em inglês)” (Toni, 2020, p.39). Nessas e em outras situações de uso real da língua, a africativização “não apresenta os contextos fonológicos, fonéticos ou morfológicos que em geral condicionam sua aplicação, atuando como um alofone em variação livre” (Toni, 2020, p. 39-40). A representação a seguir resume essa dupla analogização:

Figura 3 – a dupla analogização de *-itcho*



Fonte: elaboração própria.

Se a *Wikipedia* realmente estiver correta, como acreditamos, ‘fofucho’ de fato já existia no vocabulário informal brasileiro para descrever algo macio ou alguém muito querido. O miguxês capturou a palatalidade do sufixo *-ucho* ao aplicá-la a outro, *-ito*, popularizado no Brasil através de novelas mexicanas dubladas e desenhos animados. Ao unir a oclusiva de *-ito* com o som sibilante de *-ucho*, a internet gerou o híbrido ‘fofitchô’, com a africada $[tʃ]$, já usada expressivamente em diversas modificações sonoras intencionais (Gonçalves e Alves, no prelo). Na linguagem digital, ‘fofitchô’ se consolidou como o ponto de equilíbrio perfeito, mantendo a fofura de ‘fofucho’ e a estrutura rítmica de ‘fofitchô’, tornando-se o padrão para a criação de outras palavras, como ‘bonititchô’ e ‘gostositchô’.

As formações ganharam força lexical no início dos anos 2000, na era dos *chats* de bate-papo (UOL, Terra), no MSN *Messenger* e nas comunidades do antigo *Orkut*. O sufixo *-itcho* faz parte do miguxês, como já ressaltamos. Foi amplamente utilizado como um diminutivo estilizado (substituindo *-inho*) para expressar carinho por amigos, parceiros ou fotos postadas nos perfis.

Pela construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013), entende-se que uma construção, a partir de uma neanálise, convencionaliza-se na população de usuários da língua, criando novos sentidos. As formações ‘lookitchô’ e ‘filhitchô’ são instâncias desse novo pareamento forma $\Leftrightarrow$ significado. Inicialmente, essas criações podem ter surgido como inovações, mas a viralização e a adoção generalizada do esquema $[[X]_s \text{ itcho}]_s$ culminaram na convencionalização: adoção por um grupo específico de usuários da língua.

A construcionalização é o processo de mudança linguística que resulta na criação de um novo pareamento entre forma e significado (ou função), como definem Traugott e Trousdale (2013). Quando uma sequência de palavras deixa de ser interpretada apenas

pelo significado individual de cada termo e passa a ser processada de maneira automatizada como uma estrutura nova, ocorre esse processo (Traugott; Trousdale, 2013). Houve construcionalização porque a mudança fonética alterou também o polo semântico. As formações $[[X]_{Ni} \text{ itcho}]_{Nj}$, a exemplo de ‘corpitcho’, ‘cabelitcho’ e ‘papitcho’, adquiriram pragmática bem marcada: extrema informalidade, apelo humorístico, ironia, afetividade exacerbada tanto no *baby talk* quanto na *lover’s language*.

Por outro lado, a construcionalização de $[[X]_s \text{ itcho}]_s$ acabou culminando na alternância entre duas construções distintas, mas fortemente relacionadas. Nas palavras de Capelle (2006, p. 18),

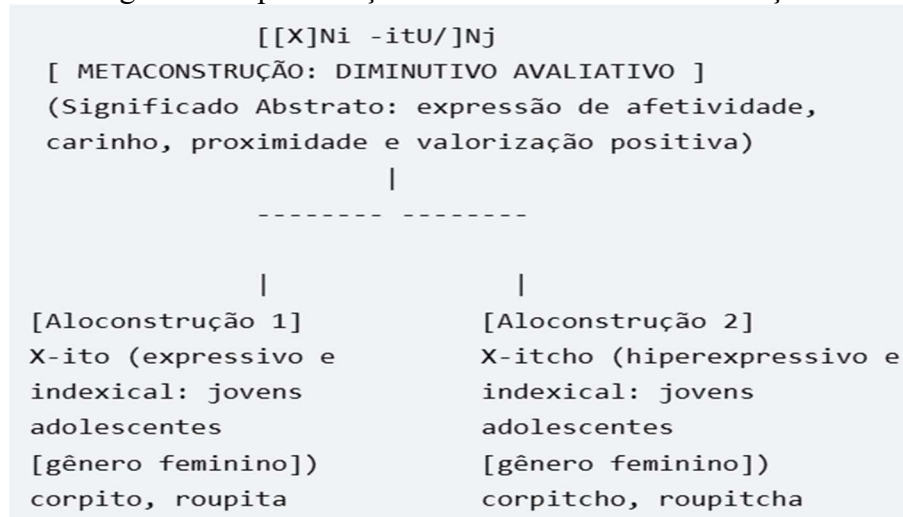
aloconstruções podem ser definidas como realizações estruturais variantes de uma construção mais abstrata (um ‘construtema’) que são semanticamente equivalentes, mas cuja escolha é determinada por restrições sintáticas, lexicais, discursivas ou pragmáticas.¹

Capelle (2006) recupera a nomenclatura estruturalista que enfatizou tanto a alternância sonora (alofonia, alofone) quanto a formal (alomorfia, alomorfe), ao empregar o formativo *alo-*, que, em grego, vem da palavra ἄλλος (*állos*) e significa “outro, diferente ou diverso”. Uma vez que as formações em *-ito* e *-itcho* foram construcionalizadas e coexistem na língua, no atual estágio sincrônico, passam a atuar como aloconstruções. Desse modo, existe um conceito abstrato superior (uma metaconstrução) que guarda o significado central das construções em competição

A pragmática comum aos sufixos *-ito* e *-itcho* é a expressão de afetividade, carinho, proximidade e valorização positiva do referente, indo além do mero cálculo de tamanho reduzido. Ambos os formativos sinalizam a atitude carinhosa ou íntima de quem fala em relação ao interlocutor ou ao objeto nomeado e reduzem a carga de seriedade ou aspereza de uma palavra, criando um ambiente comunicativo mais acolhedor ou informal. A representação a seguir ilustra o que estamos defendendo:

¹ Tradução livre de “Allostructions can be defined as variant structural realizations of a more abstract construction (a ‘constructeme’) which are semantically equivalent but whose choice is determined by specific syntactic, lexical, discursive or pragmatic constraints” (Capelle, 2006, p. 18).

Figura 4 – representação da alternância entre construções



Fonte: elaboração própria.

A arquitetura da sub-rede do *Diminutivo Avaliativo* no português brasileiro pode ser formalizada por meio de uma metacostrução, representada pelo esquema $[[X]_{Ni} -/itU/]_{Nj}$. Essa estrutura abriga um significado abstrato comum de expressão de afetividade, carinho, proximidade e valorização positiva. Na atual sincronia, esse macronó licencia duas aloconstruções periféricas que se diferenciam por restrições pragmáticas e indexicais refinadas. A aloconstrução 1 ($[[X]_{Ni} ito]_{Nj}$) atua como uma variante expressiva, enquanto a aloconstrução 2 ($[[X]_{Ni} itcho]_{Nj}$) eleva o grau de saliência cognitiva para um valor hiperexpressivo. Ambas as estruturas compartilham restrição sociolinguística idêntica, mas apenas ($[[X]_{Ni} itcho]_{Nj}$) funciona como um traço indexical associado ao grupo social de “adolescentes do gênero feminino”, pois pudemos comprovar que as postagens nas redes sociais são quase todas desse perfil sociolinguístico.

Podemos concluir, portanto, que o surgimento de uma aloconstrução é quase sempre o resultado final de um processo prévio de construcionalização. Essa dinâmica explica-se pelo fato de que novas variantes estruturais e semânticas não emergem isoladas, mas como ramificações de nós pré-existentes na rede cognitiva do usuário da língua. Como postulam Traugott e Trousdale (2013, p. 22), a construcionalização “é a criação de uma nova construção [...] um processo que leva a um novo nó na rede”. Assim, quando esse novo nó se estabiliza, passa a licenciar o que Cappelle (2006, p. 12) conceitua como aloconstruções, isto é, “realizações estruturais variantes de uma construção mais abstrata [...] que são semanticamente equivalentes”, mapeando de forma precisa a trajetória gradual da mudança linguística no uso.

Palavras finais

Em resumo, as discussões e análises apresentadas neste trabalho ratificam a necessidade premente de expandir o polo fonológico na Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU). Ao investigar o neossufixo *-itcho*, em sua relação com o tradicional *-ito*, o estudo demonstrou que fenômenos fonético-fonológicos intencionais não ocupam lugar periférico, mas estão integrados ao núcleo do conhecimento linguístico dos falantes, operando de forma ativa na indexicalidade social e na expressividade pragmática.

A análise qualitativa dos 213 dados extraídos de dicionários e redes sociais evidenciou um processo legítimo de construcionalização. O sufixo *-itcho* distanciou-se da semântica original de diminutivo de seu predecessor para carregar novos valores pragmáticos e identitários na internet. Sob o escopo da proposta de Capelle (2006), a modelagem proposta confirmou que $[[X]Ni\ ito]Nj$ e $[[X]Ni\ itcho]Nj$ funcionam hoje como aloconstruções que competem e se complementam na língua, provando que a fonologia é moldada pelo uso interacional em tempo real.

Dessa forma, este texto contribui para consolidar os modelos construcionistas que integram som, significado e contexto social. Trabalhos futuros poderão expandir este escopo, analisando se o esquema de *-itcho* já se estende a outras categorias gramaticais além da base nominal, ou de que maneira a percepção social dessa africada surda varia entre diferentes faixas etárias e comunidades de fala digitais.

Referências

ABAUURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. A palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: *Gramática do português falado VII: novos estudos descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 557-602.

ALVES, Alessandra. Hoje foi dia de trocar as unhitchas da socia [...]. *Instagram*: @espacoalessandraalves, 4 jun. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPt7IMvBK6I/>. Acesso em: 6 ago. 2026.

BAHIA, Gabi. eu amei o lookitcho de ontem pra tocar na @sohohousesaopaulo [...]. *Instagram*: @gabibahia, 5 jun. 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DZM6FEOkUlz/>. Acesso em: 6 ago. 2026.

BAHIENSE, Ágatha. Só a @dra.julianamarangon toca na minha pele do rosto! [...]. *Instagram*: @agathabahiense, [2024]. Disponível em: <https://www.instagram.com/agathabahiense/reels/>. Acesso em: 6 ago. 2026.

- BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so is it productive? *Linguistics*, v. 36, n. 3, p. 403–422, 1998.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions*, v. 2, n. 1, p. 1–28, 2006.
- CARSTON, Robyn. *Thoughts and utterances: the pragmatics of explicit communication*. Oxford: Blackwell, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 1985.
- FREITAS, Marcella. Marcelitcha com sua cervejitcha não quer guerra com ninguém [...]. *Instagram*: @_marcellafreitas, 21 jul. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9sz9QjhjAP/>. Acesso em: 6 ago. 2026.
- GEISIANE. A paz de um cafezitcho sábado de manhã em casa [...]. *Instagram*: @geisianeblog, 28 set. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DAdpGeKxTpM/>. Acesso em: 6 ago. 2026.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, C. A. *Flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- GONÇALVES, C. A.; ALVES, J. G. V. Sobre pitchulas, tchecas e tchurmas: estudo construcional sobre a africativização intencional no português brasileiro. In: SIMÕES NETETO, N. *Estudos em linguística cognitiva*. Salvador: EdUFBA. A SAIR.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-ROM.
- O ESTIMADO. Olha o que a gente está aprontando aqui hoje: a saladitcha [...]. *Instagram*: @ixtimadinho, 2 ago. 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DbiU3aHxR0p/>. Acesso em: 6 ago. 2026.
- PRAIANA.SA. [Legendas e provadores informais utilizando o termo roupitcha]. *Instagram*: @praiana.sa, 2026. Disponível em: [instagram.com](https://www.instagram.com). Acesso em: 6 ago. 2026.
- RECEITAS DA HORA. Aquele bifitcho acebolado perfeito [...]. *Instagram*: @receitashora, 10 nov. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 6 ago. 2026.
- RIO-TORTO, Graça. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- SALVIA, Gabriela. Amiguitcho lindooo, dono do coração mais puro [...]. *Instagram*: @gasalvia, 5 nov. 2020. Disponível em: [instagram.com](https://www.instagram.com). Acesso em: 6 ago. 2026.

SANTANA, Messias dos Santos. *O sufixo diminutivo em português: uma abordagem diacrônica*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SANTOS, Diana; HOFFMANN, Thomas. *Here be dragons? Construction Grammar, phonology, and the double articulation of language*. Ascona: Monte Verità, 2024.

SILVA (MAIS UMA). feliz aniversário Gui, te amo irmãozitcho, muita felicidade p vc [...]. *Instagram*, 16 mar. 2017. Disponível em: [instagram.com](https://www.instagram.com). Acesso em: 6 ago. 2026.

SILVA, Amanda. Dia de testar receita nova e fazer aquela comiditcha caseira [...]. *Instagram*: @cozinhadaamanda, 14 mar. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 6 ago. 2026.

SILVA, Mariana. Dia de passeio com o meu namoraditcho favorito [...]. *Instagram*: @mari_silva, 12 jun. 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/>. Acesso em: 6 ago. 2026.

SOARES DA SILVA, A. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, J. P. F.; NICOLAU DE PAULA, M. Breve análise sobre os sufixos -ito e -itcho (e suas variantes) no português brasileiro. *Cadernos do NEMP*, n. 2, v. 2, p. 113-132.

TONI, A. "/ titia / ou / tʃitʃia /? Evidências da psicolinguística e da fala infantil sobre o status fonológico das africanas [tʃ, dʒ] *." *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos* 24, no. 1 (setembro de 2020): 36–71.

TRAUGOTT, E. C. "Revisiting Subjectification and Intersubjectification". In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (Ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010. pp. 1-23. (Topics in English Linguistics).

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

UNGERER, Tobias; HARTMANN, Stefan (2023). *Linguistic Knowledge and Language Use: Understanding Construction Grammar and Relevance Theory*. Cambridge University Press.

WAGNER, Emanuelle. Meu mês começou com o pé direito... cabelitcho renovado [...]. *Instagram*: @emanuellewagner_, 1 jul. 2026. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DaRAypWubka/>. Acesso em: 6 ago. 2026. [1]